

## A DIMENSÃO POLÍTICA DO RELIGIOSO: CÉU NA TERRA *MOVEMENT* COMO PARTE DA CULTURA POLÍTICA EVANGÉLICA NO TEMPO PRESENTE E O PROJETO DE UMA NAÇÃO CRISTÃ

THE POLITICAL AND RELIGIOUS DIMENSIONS: "CÉU NA TERRA MOVEMENT" AS PART OF THE EVANGELICAL POLITICAL CULTURE IN THE PRESENT TIME AND PROJECT OF A CHRISTIAN NATION


Ana Carolina Machado


Doutoranda

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis

anacarolinamachado.historia@gmail.com / anacarolina.mph@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2125-3387>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

### RESUMO

O artigo tem como objetivo aprofundar discussões realizadas em minha dissertação de mestrado, ao se debruçar sobre a dimensão política de um movimento religioso de jovens evangélicos, cujo nome é Céu na Terra *Movement*. Trata-se de um movimento urbano e que atua nas redes sociais, que começou em 2016 na região de Águas Claras (DF) e continua em andamento, que têm se espalhado pelo Brasil realizando ajuntamentos no objetivo de promover um avivamento sobre a nação. A hipótese do artigo é a de que este movimento se constitui como componente de uma suposta cultura política evangélica no Brasil do tempo presente, em torno da qual um projeto de nação cristã tem sido mobilizado e empreendido. Esta cultura é protagonizada por políticos evangélicos que atuam no interior da máquina estatal, e que legitimam o movimento na medida em que ele tem atuado para a efetivação deste projeto, que visa um Brasil no qual o seu Deus seja o senhor. A reflexão é sustentada pelos pressupostos teóricos da Nova História Política e da História do Tempo Presente, operando com a noção de cultura política tal como ela tem sido abordada pela historiografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Céu na Terra Movement. Cultura política evangélica. Tempo presente. Projeto de nação cristã.

### ABSTRACT

The main objective of this article is to deepen discussions on the political dimension of a religious movement of young evangelicals, whose name is "Céu na Terra Movement", which were carried out in my master's thesis. It is an urban movement that operates on social networks, began in 2016 in the region of Águas Claras (DF) and continues to be ongoing. This movement has spread across Brazil promoting gatherings in order to create opportunities for revival in the nation. As a hypothesis of the article, this movement is constituted as a component of a supposed evangelical political culture in Brazil at the present time, around which, a Christian nation project has been mobilized and undertaken. The evangelical political culture, is carried out by evangelical politicians who act within the state machine and who legitimize this movement, insofar as it acts for the realization of this project, which aims at a Brazil in which its God is the lord. The reflection brought in the article is supported by the theoretical assumptions of the New Political History and the History of the Present Time, operating with the notion of political culture as it has been approached by historiography.

**KEYBOARDS:** "Céu na Terra Movement". Evangelical political culture. Present time. Christian nation project.

# 1 INTRODUÇÃO

A reflexão que me proponho é de ordem provocativa e heurística. Para tanto, lanço mão de alguns questionamentos para iniciar este exercício historiográfico: Seria possível falar de uma cultura política evangélica no Brasil do tempo presente? Se sim, haveria um projeto de nação e uma idealização de sociedade empreendida por sujeitos e setores evangélicos que se manifestam religiosamente nos espaços políticos institucionalizados, mas também, e sobretudo, em outros âmbitos do espaço público, como o espaço urbano e midiático, a partir de pautas religiosas que assumem linguagens e roupagens politizadas? Para além da atuação de figuras evangélicas, em sua grande maioria pentecostais, como pastores e outros líderes religiosos, qual o papel das juventudes e dos movimentos de jovens evangélicos de características pentecostais na politização do espaço público através de suas manifestações e práticas religiosas? Quais redes de sociabilidade e agenciamentos estabelecem com a política institucional e os “representantes de Deus” que ali transitam?

Meu intuito não é necessariamente responder cada uma dessas perguntas ou elaborar determinados diagnósticos apressados, mas operar com possibilidades analíticas a partir de seu levantamento. Nesse sentido, essa reflexão tem como propósito aprofundar algumas questões que discuti em minha dissertação de mestrado, no objetivo de problematizar com mais atenção a dimensão política de um movimento evangélico em plena atividade, cujo nome é Céu na Terra *Movement*.<sup>1</sup> Para tanto, o exercício que me proponho é testar as possibilidades e limites da utilização da noção de cultura política, a partir da historiografia, como categoria heurística para a abordagem do fenômeno religioso no Brasil do tempo presente e, mais circunscritamente, para tratar deste movimento específico, o Céu na Terra *Movement*, como parte de uma suposta cultura política evangélica, no interior da qual, um projeto de nação de bases cristãs têm sido mobilizado.

Céu na Terra *Movement*<sup>2</sup> é um movimento evangelístico e de características pentecostais, encabeçado e frequentado majoritariamente por jovens, que surgiu no espaço

---

<sup>1</sup> Intitulada *Movimento Céu na Terra: práticas e experiências religiosas nos espaços públicos e seus desdobramentos no tempo presente (2016-2022)*, a dissertação foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, e defendida em 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/242691/PHST0753-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso: 18 jul. 2023.

<sup>2</sup> O site e perfis do movimento no *Instagram*, *YouTube*, e *Facebook* são públicos e estão disponíveis em: [Escola 2414 – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](https://www.escolad2414.com/), [Céu Na Terra Movement \(@ceunaterramovement\) • Fotos e vídeos do Instagram](https://www.instagram.com/ceunaterramovement/),  [\(200\) Céu na Terra Movement - YouTube](https://www.youtube.com/channel/UC...), [Céu na Terra Movement | Facebook](https://www.facebook.com/ceunaterramovement/). Acesso em: 19 abr. 2023.

urbano de Águas Claras (DF), em 2016, e continua em andamento.<sup>3</sup> Em seu entorno, centenas de jovens se reúnem, em uma praça, nas noites de terça-feira, para uma experiência com o sagrado. São reuniões permeadas por práticas de louvores, orações e outras manifestações presentes em universos pentecostais como curas e batismo no Espírito Santo, evidenciado pelo recebimento do dom de falar em línguas estranhas (glossolalia). Nessas reuniões, as quais chamei de “cultos a céu aberto”, estes jovens constroem sociabilidades, visões de mundo e maneiras de experimentar o tempo (MACHADO, 2022).

Tudo iniciou em torno de um jovem, João Paulo Dias, o grande líder carismático, que após ter se convertido, reuniu um grupo de amigos e começou a pregar o evangelho e a contar seu testemunho na estação de metrô Arniqueiras, em Águas Claras (DF), clamando por um avivamento. Logo o espaço se tornou pequeno para a quantidade de pessoas que paravam para ouvi-lo, e o movimento migrou para a Praça Tiziu, nas proximidades, até se instalar definitivamente na Praça da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb), onde “edificou o seu altar”, e onde as reuniões passaram a ocorrer desde 2017.<sup>4</sup>

Através de seus cultos e discursos nessa e em outras praças Brasil afora<sup>5</sup>, e por meio de práticas evangelísticas pelas ruas, boates e outros espaços públicos, como as mídias, o movimento busca promover uma ampla evangelização da sociedade, no objetivo de construir uma geração cristã cujo comportamento seja pautado pelos princípios bíblicos. Seu objetivo se insere no âmbito da Grande Comissão, ou seja, pregar o evangelho até a vinda de Cristo, como consta em sua biografia no *instagram*.<sup>6</sup> A transformação social que o Céu na Terra busca empreender é baseada em um avivamento, a partir do qual a sociedade seja reformada, a começar por Brasília, mas que se estenda pelo território nacional. Trata-se de um fenômeno religioso que em pouco tempo extrapolou seu local de origem e se tornou conhecido em vários lugares do país na medida em que as reuniões

---

<sup>3</sup> Sobre a literatura acadêmica acerca do pentecostalismo e neopentecostalismo, e as características pentecostais e neopentecostais do movimento em questão ver: Machado (2022). Especialmente o primeiro e segundo capítulos.

<sup>4</sup> Os integrantes criaram uma localização do movimento no Google Maps, quantos se apropriaram desta praça para suas reuniões. A localização está disponível em: <https://goo.gl/maps/U2h4dzBGKaNVnzZh7>. Acesso: 30 abr. 2023.

<sup>5</sup> A demanda nas redes sociais do movimento, para que fosse levado para outras cidades do país, fez com que o projeto Tour Céu na Terra começasse a ganhar forma. Nos últimos anos, reuniões foram realizadas em cidades como Rio de Janeiro, Uberlândia e Vitória, reunindo centenas de jovens para os cultos a céu aberto e promovendo intensivos evangelísticos. No *instagram*, há uma ampla divulgação dessas reuniões em outras cidades, as quais possibilitam que jovens que não residem em Águas Claras participem dessa experiência.

<sup>6</sup> Tais aspectos foram abordados no primeiro capítulo da dissertação.

passaram a ser realizadas em outras capitais, promovendo grandes ajuntamentos e intensivos evangelísticos. De igual modo, porque o movimento tem alcançado uma dimensão transnacional e global por conta de suas redes sociais, através das quais milhares de seguidores de outros lugares do mundo acompanham suas atividades e, ao mesmo tempo, tecem experiências religiosas *online*, conforme seus testemunhos nas redes sociais do movimento (MACHADO, 2022).

Meu argumento foi o de que o Céu na Terra se tornou de um micro movimento, um macro fenômeno, não apenas porque ele tem transformado a paisagem de Águas Claras (DF) nos últimos sete anos, com seus cultos a céu aberto que somam a cada reunião mais seguidores e adeptos. Mas porque parece não haver nenhum movimento nos mesmos moldes em andamento, e que continue ocorrendo da mesma forma, mesmo tendo sido atravessado por uma pandemia que demandou o cancelamento de suas atividades presenciais. No *instagram*, durante o período pandêmico, as postagens continuaram e os seguidores, que são milhares, interagiram saudosos das reuniões, e esperançosos pelo seu retorno.

Movimentos evangelísticos cujo objetivo é promover um avivamento, um despertar da fé cristã, surgem sempre, assim como ajuntamentos em praças e locais públicos são práticas inscritas desde longa data na história do protestantismo e do pentecostalismo brasileiro. A Cruzada Nacional de Evangelização que marcou a fase inicial da Igreja do Evangelho Quadrangular em meados do século XX é um dos principais exemplos. Segundo a historiadora Karina Bellotti (2007), tratou-se de um movimento que se espalhou por várias cidades do Brasil, com tendas itinerantes nas quais o evangelismo e os cultos ao ar livre eram realizados, promovendo experiências religiosas individuais e coletivas. Houve, de fato, no imaginário protestante e pentecostal, um avivamento evidenciado por curas, milagres e outras manifestações no período denominado como segunda fase do pentecostalismo brasileiro, segundo Belotti (2007). São movimentos que buscaram atualizar, a partir de experiências singulares, o ideal de avivamento inscrito no berço do pentecostalismo estadunidense do início do século XX, cuja referência principal é o avivamento da Rua Azuza (CAMPOS, 2005; CUNHA, 2011).

O que ocorre em Águas Claras e tem se espalhado pelo Brasil por meio do Céu na Terra *Movement* é algo parecido. Uma juventude plural tem experimentado curas físicas, batismo no E.S, entre outras experiências semelhantes que são testemunhadas nas redes sociais. Nesse sentido, por um lado o movimento é frequentado por jovens que apenas o consomem, ou seja, experimentam curas e outras experiências. Mas o fazem de forma

fluida e não necessariamente seguindo os princípios pregados, os quais poderiam ser compreendidos como peregrinos, conforme as conceitualizações de Hervieu-Léger (2015). Por outro, é seguido por jovens que podem ser compreendidos na figura do que Hervieu-Léger (2015) entende como convertido, ou seja, que mudam seu comportamento, e que no caso do Céu na Terra, vestem a camisa e ainda se tornam “instrumentos de Deus” para essa transformação social.

De todo modo, há uma lógica de consumo no interior do movimento na medida em que foi ganhando forma e se inserindo no interior do mercado religioso brasileiro, conforme abordei na dissertação, promovendo eventos, vendendo produtos e comercializando sua mensagem para aqueles que se dispuseram a consumi-la e por ela pagar. Seja por meio de ingressos, seja por meio de ofertas. Mas também porque construiu uma escola de capacitação evangélica, a Escola 2414, cujo objetivo é treinar os jovens para serem missionários e evangelistas nas mais diversas esferas e dimensões sociais, como escolas, universidades e redes sociais, promovendo uma evangelização em massa.<sup>7</sup> Tais elementos fizeram com que o movimento assumisse, em pouco tempo, uma roupagem neopentecostal, pautada na espetacularização e comercialização (MACHADO, 2022).

Na dissertação, meu foco foi analisar o processo de institucionalização do movimento e sua atuação e presença no espaço público em três dimensões: o espaço urbano, o espaço midiático e o espaço político institucional. Meu objetivo foi, além de abordar as singularidades e a história do movimento, demonstrar o que ele poderia dizer sobre a sociedade na qual está inserido. Sua emergência se deu em uma conjuntura de forte presença e atuação dos evangélicos pentecostais no espaço público, e se o movimento começou com objetivos estritamente religiosos, o que se percebe em suas redes sociais, é que ele vai assumindo uma roupagem politizada que precisa ser compreendida não somente a partir de uma ocasião específica em que foi homenageado na Câmara dos Deputados, em 2018, mas também a partir dos discursos e símbolos mobilizados no espaço urbano e midiático. É justamente essa dimensão política e politizada que este texto busca tratar. Na dissertação, apesar de compreender os espaços de atuação do movimento como espaços de poder, minha abordagem esteve muito mais centrada em tratar desses espaços enquanto espaços que se tornaram sagrados e simbólicos por meio de suas práticas e experiências religiosas. Por isso, meu interesse aqui é seu aspecto

---

<sup>7</sup> Disponível em: [Conferência – The Commission – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](https://www.ceunaterramovement.com). Acesso: 25 abr. 2023.

político. Cabe questionar, portanto, o que haveria de político nesse movimento que é, a princípio, religioso?

Alargando as possibilidades de seu entendimento, parto do pressuposto de que os espaços ocupados pelo movimento são espaços que se tornaram também políticos, à medida que suas manifestações vão se tornando políticas e não apenas religiosas. Isso pode ser percebido desde 2018, como problematizarei adiante a partir de imagens e discursos, mas se estende ao presente em andamento, como demonstram as fontes mobilizadas para sustentar o argumento, que fazem menção a atividades do ano de 2023. Desse modo, me interessa problematizar as expressões, práticas e experiências religiosas do Céu na Terra *Movement*, tecidas nos espaços públicos e políticos, enquanto *atitudes políticas*. Esse entendimento extrapola as fronteiras institucionalizadas tanto *da* religião, como *da* política, pois é o religioso e o político que se colocam em cena no campo dos comportamentos.

A reflexão é norteada pelos pressupostos teóricos da Nova História Política e da História do Tempo Presente, a partir da mobilização da noção de cultura política. A discussão pretende somar-se aos estudos que têm se debruçado em estudar os fenômenos religiosos no tempo presente, compreendendo-os para além do imediatismo, ou seja, que tratem do presente em uma densidade temporal significativa (ROUSSO, 2016), e a partir de uma chave de leitura que viabilize sua compreensão para além do aspecto puramente religioso e espiritual, como propõe o presente dossiê. Isto é, que tratam das manifestações, atitudes e práticas religiosas enquanto fenômenos sociais e também políticos, historicamente localizados e construídos, analisando as implicações e desdobramentos de suas ações no tempo e no espaço. Sua originalidade está em voltar o olhar para a análise de um movimento religioso cujo protagonismo político extrapola a política institucional e partidária e os processos eleitorais, grandes alvos das discussões que têm analisado os entrecruzamentos entre religião e política no Brasil recente.

## **2 O LUGAR DO POLÍTICO NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E A NOÇÃO DE CULTURA POLÍTICA COMO CHAVE ANALÍTICA**

É lugar comum na literatura acadêmica a discussão de que a emergência da História do Tempo Presente francesa na década de 1970, da qual a História do Tempo Presente brasileira é tributária, ocorreu na esteira de uma renovação da historiografia política,





acompanhando o giro culturalista do período, a qual passou a ser chamada de “Nova História Política” (SÁ MOTTA, 2018, 2019; LOHN, 2019). O político desempenhou, nesse sentido, um papel central no processo de institucionalização de uma historiografia do tempo presente propriamente dita (RÉMOND, 1999, 2003). Isso se deu não apenas porque os temas políticos se colocaram na ordem do dia a partir do fenômeno da demanda social e do clima ideológico, mas também porque houve uma atitude política historiadora no processo de definição da singularidade desta nova forma de abordagem da História, inscrita na rubrica História do Tempo Presente (LOHN, 2019). Sobre isso, conforme pontua o historiador Reinaldo Lohn (2019), a legitimidade institucional da História do Tempo Presente no pós segunda guerra mundial surgiu como uma atitude político científica, na medida em que os historiadores franceses reivindicaram as possibilidades de estudar temas ainda “quentes” como o nazismo e a violência nas colônias, que por serem recentes, eram considerado bastante espinhosos.

A necessidade e a vontade dos historiadores franceses de oferecer inteligibilidade histórica para processos ainda não encerrados e que ecoavam, demandaram novas estratégias intelectuais. Essas estratégias, que segundo Lohn (2019, p.12),

também envolviam uma compreensão do campo político, levaram à construção de um novo âmbito de reflexões historiográficas com a fundação do Instituto de História do Tempo Presente em 1978. Voltando-se para movimentos históricos em andamento e ainda em candentes debates, historiadores e historiadoras submeteram-se ao crivo não só de seus pares, mas da política, tomada não apenas como mecanismo de mediação de conflitos, mas como exercício do debate público o mais amplo possível. Rousso afirma que “os historiadores do Tempo Presente, tendo trabalhado sobre questões terrivelmente sensíveis, tiveram de inventar, senão métodos, pelo menos uma maneira de se colocar na paisagem” (2016, p. 186).

Dois aspectos se colocam, portanto, como fundamentais. O primeiro deles é que construir inteligibilidade histórica sobre movimentos como o Céu na Terra, que ainda estão acontecendo, é uma das principais singularidades de uma História do Tempo Presente, para a qual o papel do historiador diante de seu tempo é central. Central não somente pela presença do historiador no debate público, mas pela interpretação do tempo vivido em termos historiográficos (LOHN, CAMPOS, 2017), um tempo que é, também, o seu. O segundo, de ordem metodológica, remete à necessidade de buscar ferramentas possíveis para a análise dos fenômenos políticos contemporâneos, levando em conta a complexidade dos objetos em suas dimensões empíricas.

Fala-se em “retorno do político”. Os assuntos de ordem política retornaram, portanto, ao centro da oficina de Clio, a partir de novos interesses temáticos, mas, sobretudo, por meio de novos moldes epistemológicos, teóricos e metodológicos. Se houve um “retorno do político” - expressão discutível e bastante problemática como sinalizou René Rémond (1999) e reiterou Rodrigo Patto Sá Motta (2018) - essa volta indica uma renovação e não apenas um simples retorno. Nas palavras de René Rémond, um dos historiadores que esteve diretamente inserido no empreendimento dessa renovação da História Política e do lugar que ela ocupa no interior da chamada História do Tempo Presente, “não é a mesma política, nem a mesma história política, nem a mesma abordagem, nem inteiramente o mesmo objeto” (RÉMOND, 1999, p. 58). Assim, longe de serem abandonados, os objetos tradicionais do político passaram a ser interpretados a partir de novas lentes, assim como ganharam espaço novos objetos, suscitados por novos problemas. Sobre isso, conforme assinala Reinaldo Lohn (2019), a análise da experiência do vivido e do político na historiografia do tempo presente se deu não pautada em conceitos predefinidos e rígidos, mas demandou atitudes metodológicas mais dinâmicas.

É nesse movimento de flexibilização dos procedimentos interpretativos e de atitudes metodológicas abertas que não mais a política passa a ser o alvo dos interesses dos historiadores, mas o político em suas mais variadas manifestações. Como explica o historiador Rodrigo Patto Sá Motta em entrevista concedida aos historiadores Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2019, p.142), é nessa mudança de paradigma historiográfico que se situa a “história cultural do político e, paralelamente, o interesse pela aplicação da categoria cultura política à historiografia”. Nesse sentido, na mesma ocasião, Rodrigo Patto Sá Motta salienta que o político nunca esteve à margem da historiografia, mas que na história renovada do político, oriunda e influenciada o giro culturalista, a cultura ocupa um lugar central (GONÇALVES, CALDEIRA NETO, 2019).

A religião, ou mais especificamente as manifestações, práticas e experiências religiosas se inserem, assim, como objetos legítimos na agenda da Nova História Política. Os interesses se voltam para a compreensão dos comportamentos e das atitudes políticas dos religiosos (COUTROT, 2003), que suscitam reflexões como essa que proponho neste artigo, que partem de questionamentos tais como: “por quais vias as forças religiosas intervêm no domínio do político a ponto de constituir uma dimensão deste?” (COUTROT, 2013, p. 335-336), ou, “como movimentos nascidos para evangelizar seus semelhantes ou educar jovens cristãos podem intervir no campo do político?” (COUTROT, 2013, p. 345). Isto é, compreender o fenômeno religioso para além de seu aspecto puramente religioso,



mas em termos politizados. Em outras palavras, trata-se de uma operação que politiza o objeto religioso, na intenção de compreender o político através das lentes do religioso.

É sabido que a renovação da História Política é tributária de um movimento interdisciplinar e foi grandemente influenciada pelo diálogo com outros campos, como indica René Rémond (2003). A noção de cultura política também possui raízes advindas de outras áreas, especialmente da Ciência Política. O exercício de reflexão acerca das origens do conceito e o itinerário de suas alterações e adaptações até que começasse a ser, de fato, apropriado nos estudos da Nova História Política, foi alvo de diferentes trabalhos na historiografia brasileira.<sup>8</sup> Segundo essa historiografia, os usos da noção cultura política encontram lugar no debate historiográfico a partir das décadas de 1980 e 1990, tendo como principais referências as discussões empreendidas pelos historiadores Jean-François Sirinelli e Serge Berstein, que começaram a mobilizar a noção para pensar o caso francês.

O conceito se aplica, em Berstein, para a compreensão das atitudes e das motivações dos movimentos, grupos e atores políticos, na medida em que seus atos revelam a forma como a realidade social é interpretada e representada. Assim, em um esforço de definição da noção, o autor sinaliza que não se tratam apenas de forças ou ideias, mas que tais atitudes assumem contornos práticos, ou seja, que se desdobram no campo das ações (BERSTEIN, 2009). No esforço de definir o conceito, Berstein pontua:

Os historiadores entendem por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento de sua história.<sup>3</sup> Jean-François Sirinelli (1992) propôs considerá-la “uma espécie de código e (...) um conjunto de referências, formalizados no seio de um partido ou mais largamente difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política” (BERSTEIN, 2009, p. 31).

Embora haja uma proximidade entre o entendimento de ambos os autores, há uma diferença marcante no modo de compreensão da noção. Ao tratar de representações, Berstein se apoia na noção de sistemas de representações. Em sua concepção, tais sistemas “determinam a visão que os homens que deles participam têm da sociedade, de sua organização, do lugar que aí eles ocupam, dos problemas de transmissão do poder, sistemas que motivam e explicam seus comportamentos políticos” (BERSTEIN, 2009,

---

<sup>8</sup> Sobre isso, ver: KUSCHNIR, CARNEIRO (1999); DUTRA (2002); GONTIJO (2005); e PATTO SÁ MOTTA (1996, 2009, 2018).

p.32). Compreender as culturas políticas por meio dessa chave sistemática e determinante, projeta uma limitação interpretativa das mesmas, porque as coloca em uma dimensão normativa. Já o entendimento de cultura política como código, tal como proposto por Sirinelli, permite explorar as dinâmicas a partir das quais as culturas políticas são forjadas. Essa concepção se torna, portanto, mais usual para a análise de objetos empíricos.

Conforme sinaliza Rodrigo Patto Sá Motta (2009), estes historiadores adotam uma concepção pluralista da noção, de modo que em uma mesma sociedade, diferentes culturas políticas podem conviver, disputando espaço e elaborando suas visões de mundo sobre o passado e o presente, assim como suas aspirações e expectativas de futuro. Nesse sentido, “privilegia-se o estudo das culturas políticas comunista, socialista, liberal, conservadora (tradicionalista), republicana, entre outras, que Berstein chama de famílias políticas” (PATTO SÁ MOTTA, 2009, p. 20).

No Brasil, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta é uma das principais - se não a principal - referência no que diz respeito aos estudos sobre culturas políticas na História. Suas discussões acerca da ditadura civil-militar e dos comportamentos políticos no Brasil contemporâneo ocupam lugar central na historiografia do tempo presente brasileira, constituindo-se como leitura obrigatória para aqueles que pesquisam sobre o tema. Suas contribuições se dão, de igual modo, na problematização, em termos metodológicos, do emprego da noção de cultura política desde a década de 1990, quando começou a mobilizar o debate, sendo desde então preocupação central de seus textos. Se há um esforço constante do historiador em lapidar e amadurecer a noção ao longo de sua produção bibliográfica, esse trabalho é realizado especialmente no capítulo *Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia*, inserido na coletânea *Culturas políticas na História: novos estudos*, publicada em 2009 pela editora Agvmentvm. Em diálogo com a conceituação elaborada por Berstein e Sirinelli, Rodrigo Patto Sá Motta (2009, p. 21-22) entende Cultura Política com um

conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.

Conforme reitera o historiador, fazem parte desse conjunto de representações “ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, e mobilizam, portanto, mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma rica cultura visual (cartazes, emblemas, caricaturas, cinema, fotografia, bandeiras, etc.)” (PATTO SÁ MOTTA, 2009, p. 21-22). Se estes fatores são atributos definidores das culturas políticas, o emprego da noção para a

interpretação de objetos empíricos não é tão fácil assim. Se por um lado Rodrigo Patto Sá Motta enfatiza a potencialidade do conceito para a compreensão de fenômenos políticos recentes, por outro, chama a atenção para o cuidado de seu emprego, na medida em que apesar de se constituir como conceito que tem sido fortemente mobilizado nos últimos anos, o tem sido feito de forma inadequada na maioria das vezes. Que questões se fazem importantes, portanto, para a mobilização dessa noção? o que é necessário para que haja, de fato, uma cultura que possa ser considerada política?

Na concepção elaborada pelo autor, apesar de se aplicar para o estudo de fenômenos políticos ainda em andamento, ou seja, que pertencem ao domínio da História do Tempo Presente, uma cultura política só pode existir se inscrita na duração temporal (PATTO SÁ MOTTA, 2009). O emprego da noção de cultura política na análise dos fenômenos religiosos ainda em curso, como propõe este artigo, possibilita a construção de uma inteligibilidade propriamente histórica, preocupada com o fator temporal. Ou seja, que não se restringe à compreensão do imediato, mas na análise dos fenômenos do presente na estrutura temporal que lhes dão sustentação.

Nesses termos, não seria possível pensar um movimento como o Céu na Terra *Movement*, por ele mesmo, como cultura política, haja vista que trata-se de um movimento cuja existência é de apenas sete anos. Ele só pode ser pensado se inserido como componente de uma cultura política que tenha, como propõe Henry Rousso (2016), uma duração significativa. Patto Sá Motta (2009) adverte que o conceito de cultura política perde sua força explicativa se aplicado à situações efêmeras e passageiras, pois essas não revelam o fator que está no cerne de sua definição, ou seja, os comportamentos. A constituição de um tipo de comportamento político só pode ser observada, portanto, se analisada na espessura temporal, pois somente nessa ótica é possível identificar sua construção ao longo do tempo, sua consistência, seu impacto, seus desdobramentos. Somente assim é possível observar, de igual modo, as mudanças comportamentais no interior das culturas políticas, haja vista que suas identidades não são estanques, mas são permanentemente construídas, modificadas, re-elaboradas e atualizadas.

As culturas políticas são interpretadas, assim, a partir de elementos estruturantes, como é o caso das tradições religiosas, que são constantemente re-atualizadas à luz do presente e em função do mesmo, colocando em diálogo passado, presente e futuro. As crenças e os mitos se inserem, portanto, nessa seara, pois remetem à tradições. Manifestações imediatas e efêmeras não se inserem, portanto, no leque de objetos passíveis de serem abordados à luz dessa noção. Em primeiro lugar porque não

apresentam uma historicidade, e em segundo, porque algumas dessas manifestações, apesar de agitarem os ânimos com suas propostas, são tão pontuais e passageiras que sequer conseguem estruturar e solidificar bases ideológicas sólidas na construção de uma identidade, de um ideal, de um projeto, tampouco conquistar as causas pelas quais nasceram. Ou seja, não se vê implicações e desdobramentos empíricos de suas ações na medida em que se tornam tão intensas quanto breves.

Para haver cultura política é necessário que haja um projeto, inscrito na coletividade, e que seja empreendido não apenas no campo de ideias e do imaginário social, mas, sobretudo, no campo das ações. Assim, “o conceito pode ser aplicado a espaços sociais diferenciados, servindo para designar desde coletividades reunidas à volta de projetos específicos de ordenamento da sociedade (liberalismo, socialismo, etc.), até grupos nacionais ou mesmo regionais” (PATTO SÁ MOTTA, 2009, p. 24). Desse modo, as culturas políticas sustentam-se e ganham dimensão pelos projetos que mobilizam e executam. Tratam-se de projeções e disputas de como a sociedade poderia vir a ser.

Nesse sentido, as culturas políticas não podem ser limitadas ao campo das representações, mas precisam ser interpretadas a partir de suas práticas. Em vista disso, se o estudos acerca das representações e imaginários políticos se constituem objetos profícuos para os quais a categoria pode ser aplicada, Patto Sá Motta (2009) chama a atenção para que os historiadores ao se utilizarem da noção, não confundam imaginário com cultura política, pois a dimensão prática é fundamental para que esse conceito possa ser empregado. Pensar nessa função prática é pensar, por exemplo, não só na maneira como as culturas políticas constroem seus imaginários sociais, mas, sobretudo, como agem para executá-los. O olhar se volta para projetos políticos e sua capacidade de promover mudanças sociais empíricas.

Com base nessa discussão, seria possível pensar em uma cultura política evangélica no Brasil do tempo presente? Se sim, o que a caracterizaria? Como mencionei no início, a aplicação da categoria aqui é mobilizada de forma heurística, não pretende afirmações ou diagnósticos, mas busca operar com as possibilidades e os limites da aplicação dessa noção. No objetivo de operacionalizar a noção de cultura política para pensar uma suposta cultura política evangélica na qual o Céu na Terra *Movement* parece se inserir, me proponho a discutir como um projeto de nação cristã, uma sociedade ideal, têm sido imaginada e mobilizada por alguns políticos evangélicos pentecostais. Parto do pressuposto de que esses atores, que protagonizam um bloco hegemônico no Congresso,

têm operado com seus discursos e ações no interior da máquina estatal, em torno de um ideal de brasilidade cristã, que projeta um país no qual o seu Deus seja o senhor.

Na história do Brasil, as religiões cristãs sempre se impoem como discurso que tenta instituir projetos de identificação com a realidade nacional. Este projeto de uma identidade cristã para o Brasil se inscreve numa duração temporal significativa já por conta do catolicismo. Como discute o historiador Artur César Isaia, para quem “as identidades são vistas como construções, como projetos” (ISAIA, 2014, p. 175), “o projeto de uma identidade católica para o Brasil foi enormemente facilitado pela unanimidade religiosa existente até a primeira metade do século XX” (ISAIA, 2014, p. 179). Entretanto, o autor aponta que desde que os os evangélicos pentecostais se instalaram no país, no início do século passado, houve um esforço de sua parte em construir uma identidade nacional propriamente evangélica, frente a um catolicismo ainda predominante. Neste empreendimento, os pentecostais não apenas passaram a dominar territórios, mas operaram com o discurso de que o Brasil seria “um lugar escolhido por Deus para que o chamado avivamento acontecesse de maneira particularmente importante” (ISAIA, 2014, p. 193). Este projeto religioso, conforme o autor, busca desde longa data não apenas qualificar a identidade do país a partir viés religioso, mas operar “na tentativa de ‘ler’ a história nacional sob um viés providencialista, capaz de endossar e tornar legítimo o esforço identitário” (ISAIA, 2014, p. 178)

Esse tipo de posicionamento não é, portanto, próprio do tempo presente, mas é endossado e constantemente atualizado a partir de um novo espaço de atuação, quando há pouco mais de 30 anos, os evangélicos pentecostais emergiram como os novos atores políticos no processo de redemocratização brasileira (BURITY, 2018). Sobre isso, conforme sinaliza Joanildo Burity, “há um amplo consenso na literatura de que as eleições para a Constituinte pós-ditadura, em 1986, marcaram uma quebra significativa e, até aqui, definitiva no perfil da presença política evangélica” (BURITY, 2020, p. 201). Se a cultura política precisa ser pensada em termos de duração e em torno de projetos políticos, é possível então afirmar que o projeto de um Brasil cristão evangélico, que caracterizaria essa suposta cultura política evangélica no tempo presente, aponta um comportamento estruturante dos evangélicos pentecostais em território nacional. O que ocorreu nas últimas três décadas foi sua organização e corporativismo em torno da política estatal, mas um Brasil de bases cristãs sempre esteve no horizonte de expectativa dos evangélicos pentecostais, e sempre houve disputa de ideais de nação com outras religiões como o

catolicismo e as religiões de matriz africana (ISAIA, 2014), assim como com outros movimentos sociais.

Ao tratar do itinerário deste grupo que, longe de ser coeso, ainda assim apresenta uma certa unidade, mesmo apesar das dissidências internas, o cientista político Joanildo Burity (2018) aponta que estes atores políticos desde o início de sua aparição na política institucional, mobilizaram denúncias contra uma suposta “ameaça comunista”. Mais recentemente, disputaram o espaço público travando uma guerra com outros movimentos sociais e grupos políticos beneficiados pelo processo de democratização, entre estes feministas, minorias sexuais, militantes, negros e indígenas (BURITY, 2018). Na última década, problematiza o autor, o embate foi travado de forma acirrada contra o projeto lulista, de modo que sua atuação se deu, nos últimos processos eleitorais, com o objetivo de promover uma reconfiguração da identidade nacional e, novamente, a partir do acionamento do discurso contra o suposto comunismo, travado contra setores oriundos da esquerda brasileira e aderido por parte significativa da sociedade civil.

### **3 CULTURA POLÍTICA EVANGÉLICA NO BRASIL DO TEMPO PRESENTE: PARA ALÉM DE UM IMAGINÁRIO, UM PROJETO DE NAÇÃO**

Não se pode negar, como tem sido amplamente discutido nos últimos anos, por meio de trabalhos que são elaborados ainda no calor dos acontecimentos, que parcela hegemônica e com visibilidade dos evangélicos pentecostais de características conservadoras que atuam no interior dessa suposta cultura política evangélica, tiveram um protagonismo maior na arena política brasileira (ALMEIDA, 2018). Diversos autores têm apontado que os evangélicos não podem ser mais compreendidos apenas como religiosos, mas enquanto ativistas políticos (GUADALUPE, CARRANZA, 2020).

Seu papel no desfecho dos processos eleitorais da última década mobilizou diferentes argumentos como o do cientista político Joanildo Burity (2018), que ao abordar se haveria algo de especificamente religioso no cenário político recente, defende a ideia que uma onda conservadora na política brasileira acabou por trazer o fundamentalismo ao poder. De forma semelhante, o antropólogo Ronaldo Almeida defende a hipótese de que parte significativa desse segmento religioso “compõe o processo denominado onda conservadora, cujo desdobramento mais recente foi a eleição, em 2018, de um presidente com retórica de extrema direita: Jair Bolsonaro” (ALMEIDA, 2019, p. 185).



O slogan da campanha eleitoral que elegeu Bolsonaro, inscrito na rubrica “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, se apresentou como um forte elemento no interior de um projeto de nação de bases cristãs, haja vista que os evangélicos apoiaram e elegeram em peso o candidato. Sobre isso, em entrevista para o Instituto Humanitas da Unisinos, o antropólogo Ronaldo Almeida pontua, ao falar sobre o slogan da campanha bolsonarista para o executivo, que:

É importante mencionar que o Deus do Bolsonaro é, antes de mais nada, cristão. Ele está olhando para uma nação religiosa, mas de maioria cristã que combina elementos católicos e evangélicos. Na verdade, um Deus cristão cada vez mais evangélico e com cores católicas em baixa intensidade — lembro que Bolsonaro colocou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida em sua casa somente após a eleição. Mas antes disso, depois da facada, ele concedeu uma entrevista para a Record e atrás dele havia um candelabro judaico. Sua sinalização passa por esse universo judaico-cristão.<sup>9</sup>

O projeto de uma nação de características cristãs cada vez mais evangélica esteve, portanto, no cerne do último processo político eleitoral. Tal projeto se mostra como elemento central no posicionamento político desta fileira de evangélicos pentecostais que compõem o que aqui estou chamando, hipoteticamente, de cultura política evangélica, porque apresentou desdobramentos práticos com a eleição de Bolsonaro em 2018. Nada mais brasileiro do que, quando em momentos de transição política, a identidade do país esteja sendo disputada.

Ricardo Mariano e Dirceu André Gerardi (2020) também trataram da questão, indicando que o ex-presidente eleito em 2018 surfou na onda conservadora a partir do slogan de sua campanha política, em nome de uma “maioria cristã” e em detrimento do Estado laico, afirmando uma identidade cristã para o Brasil. Os autores citam discursos de Bolsonaro na época, os quais apontam que aqueles que fossem contra essa concepção teísta e cristã de Estado, inscrita na rubrica de seu slogan, que se mudassem do país, indicando que os cristãos seriam o povo do modelo de nação bolsonarista, porque seriam a maioria (MARIANO, GERARDI, 2020). Ao discutir as mesmas questões, Marcelo Ayres Camurça (2020) aponta que se trata de uma concepção de bases autoritárias, “marcada por uma ideia de subjugação do que consideram minorias e não pela garantia da livre expressão da pluralidade” (CAMURÇA, 2020, p. 97). Trata-se de um projeto

---

<sup>9</sup> Disponível em: [A expansão evangélica no Estado: do Executivo ao Judiciário. Entrevista especial com Ronaldo Almeida - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](https://doi.org/10.5007/1806-5023.2023.e94161). Acesso: 22 abr. 2023.

antidemocrático e que, como argumenta Camurça, é levado a cabo por meio de um processo de confessionalização do Estado e da política.

Deus, família e nação formaram, como abordou Ronaldo Almeida (2018), a tríade mobilizada como justificativa dos votos a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 17 de abril de 2016. O antropólogo aborda como a sessão foi permeada por uma retórica composta por argumentos substancialmente religiosos tais como “sob a proteção de Deus”, “Deus tenha misericórdia desta nação”, “Glória a Deus!”, “Feliz a nação cujo Deus é o senhor”, e “decretamos que o Brasil é do senhor Jesus”, mencionadas nos discursos de políticos evangélicos como Eduardo Cunha, Marco Feliciano e Cabo Daciolo, que votaram a favor do *impeachment* (ALMEIDA, 2018). O autor salienta que Jair Messias Bolsonaro, por sua vez, evocou o slogan da campanha que o elegeu dois anos depois, ao decretar voto favorável.

Como argumentou Camurça (2020), esse projeto foi levado a cabo em termos práticos, na medida em que houve uma expressiva presença dos evangélicos à frente de postos expressivos do governo Bolsonaro, a partir dos quais a dogmática religiosa passou a ser efetivamente convertida em políticas públicas no objetivo de construir este Brasil de princípios cristãos. Tal posicionamento tem como sustentação a ideia de que os rumos da nação estarão nas mãos dos representantes do povo de Deus, e que “o deus da Bíblia será o senhor da nação quando os evangélicos, os homens de deus, ocuparem cada vez mais as posições de poder no Estado” (ALMEIDA, 2019, p. 171).

Como já mencionado, essa mentalidade que se fortalece ainda mais na última década, começa no processo de redemocratização. Este período marcou uma nova postura política dos pentecostais, na medida em que como afirma Burity (2020, p. 202), “começava a construção do povo pentecostal, ou seja, dos pentecostais como representantes do povo e do projeto pentecostal de reconfiguração do povo via representação política (BURITY, 2016; MACHADO; BURITY, 2014)”. Nesse sentido, houve não apenas uma mudança na mentalidade dos pentecostais nas últimas décadas do século passado, mas um projeto pentecostal de reconfiguração do Brasil empreendido por estes setores. Este processo inaugurou um novo jeito de ser evangélico no Brasil, que trouxe à cena política um novo ator: o político de Cristo. Esta noção, cunhada e trabalhada por Campos (2002), inscreve os pentecostais como atores políticos, imbuídos de defender os princípios cristãos no interior do Estado e na construção de uma sociedade que seja pautada por esses princípios e valores.

Estes políticos de Cristo atuam em torno da chamada Bancada Evangélica. Conforme destaca Janine Trevisan (2013, p. 35), “a formação da Frente em 2003 é vista por seus componentes como necessária para que possam influenciar mudanças mais efetivas, ampliando sua atuação para além das igrejas, estendendo-se para o conjunto da sociedade”. A formação dessa frente é fundamental para a organização do projeto de nação levado a cabo por esses políticos, pois é em torno de sua atividade que políticas públicas são formuladas, tendo como base preceitos de ordem religiosa.

Como representantes de Deus, esses políticos ganham legitimidade junto a muitos segmentos da sociedade civil, denominações e outros movimentos que se articulam para a construção “dessa nação diferente”, que se apresenta como projeto político da Frente Parlamentar Evangélica, segundo Trevisan (2013). Com a realização de verdadeiros cultos realizados na Câmara dos Deputados, os políticos de Cristo passaram a mobilizar seus discursos em prol desta nação cristã, muitas vezes em formato de oração, como no caso da votação do *Impeachment* de Dilma. Outro exemplo é dado por Marcelo Ayres Camurça, de evento realizado no ano de 2019:

No mês de dezembro, realizou-se, com a presença de Bolsonaro, um culto de ação de graças no Salão Nobre do Palácio do Planalto com representantes evangélicos, em seguida, também, com a presença destes, o lançamento da pedra fundamental do Museu da Bíblia, organizado pela Frente Parlamentar Evangélica e, por fim, a participação presidencial na Conferência Nacional da entidade, quando fez a palestra “os desafios para a construção do novo Brasil de perspectiva cristã” (CAMURÇA, 2020. p. 99).

O pesquisador reitera, apontando que na ocasião, o então presidente havia dito “em alto e bom som: ‘é motivo de honra, de orgulho e de satisfação vê-los juntamente comigo publicamente aceitando Jesus nesta casa que esteve carente de sua palavra” (idem). Em outro culto realizado no parlamento em 2022, Michele Bolsonaro, na época esposa do presidente, proferiu uma oração clamando pela cura da nação e para que houvesse um avivamento no Legislativo, no Executivo e no Judiciário brasileiro, e para que Deus estendesse as mãos sobre a nação, sendo acompanhada de gritos de aleluia pelos parlamentares, conforme matéria da *Carta Capital*.<sup>10</sup> Cultos como estes têm sido cada vez mais recorrentes no parlamento, e os discursos mobilizados neste tópico apontam para um ideário nacional, um projeto de nação de bases cristãs. Este projeto tem sido levado a cabo dentro e fora dos espaços políticos propriamente institucionais, e o Céu na Terra *Movement*

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdJ2pCZqlz5/>. Acesso: 26 abr. 2023.

têm se empenhado em seu empreendimento, seja aliando-se a políticos evangélicos, seja pela sua atuação no espaço público urbano e midiático, como abordado no tópico a seguir.

## 4 CÉU NA TERRA MOVEMENT COMO COMPONENTE DA CULTURA POLÍTICA EVANGÉLICA: AGENCIAMENTOS E COMPORTAMENTOS POLITIZADOS

*...porque o avivamento não é uma união de muitas pessoas na rua, mas a mudança social e cultural de um meio... (CNT)<sup>11</sup>*

Em ocasião semelhante a esses cultos que têm ocorrido no parlamento nos últimos anos, a qual chamei na dissertação de “um colóquio de religiosos no plenário”, foi que o Movimento Céu na Terra recebeu uma homenagem na Câmara dos Deputados, em agosto de 2018 (MACHADO, 2022). A sessão solene foi solicitada pelo deputado Ronaldo Fonseca, que na época ocupava o cargo de Ministro de Estado, Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República do governo Michel Temer. O político é também advogado e um dos pastores que integrava a Bancada Evangélica, tendo sido autor de propostas de emenda à Constituição, para que fossem ampliadas as imunidades tributárias de igrejas e partidos. Na ocasião, Rodrigo Maia, presidente da casa, apesar de não estar presente, deixou um discurso que foi lido por Marcos Pacco, que é professor, e além de ter sido deputado evangélico de posturas conservadoras, também foi secretário de Estado e administrador de Brasília.

O discurso de Maia enfatizou a legitimidade da homenagem requerida por Ronaldo Fonseca, alegando que como um programa cristão de evangelização, cujo objetivo é a transformação e o resgate de jovens por meio da propagação do evangelho, o Movimento Céu na Terra estava desempenhando um papel complementar ao do Estado na propagação dos valores cristãos.<sup>12</sup> Maia alegou, ainda, a necessidade de reconhecer os desdobramentos práticos do movimento, apropriando-se do versículo bíblico inscrito em Mateus 7:16, de que se conhece a árvore pelos seus frutos, e que embora o parlamento fosse uma casa laica, era importante registrar a ocorrência de movimentos como o Céu na Terra, cujas reuniões aconteciam há poucos quilômetros da Câmara dos Deputados.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BhcoooJIVOb/>. Acesso: 30 abr. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: [Sessão solene homenageia o movimento Céu na Terra - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](https://www.camara.leg.br/pt-br/atividade-legislativa/sessoes/sessao-solene-homenageia-o-movimento-ceu-na-terra);  [\(343\) PLENÁRIO - Homenagem ao Movimento Céu na Terra - 16/08/2018 - 09:55 - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=343PLENARIO). Acesso: 29 abr. 2023

Ao sinalizar que o Céu na Terra têm desempenhado um papel que é complementar ao do Estado, o então presidente da Câmara disse que “os jovens deste movimento estão contribuindo para formar novas lideranças comprometidas com elevados valores morais, reserva ética sem a qual, sociedade alguma pode almejar um futuro digno, pacífico e promissor”.<sup>13</sup> O discurso de Maia indica não apenas a profissionalização da política e do Estado que discute Camurça (2020), mas também enfatiza como estes políticos legitimam o movimento neste espaço de poder, o que certamente não aconteceria com movimentos religiosos de outra ordem, como, por exemplo, movimentos religiosos de matriz africana, que sofrem constante perseguição e preconceito por estes setores. De igual modo, certamente não receberia este apoio e legitimidade um movimento que embora cristão, não estivesse concatenado com os ideais propagados por estes políticos.

Nesta ocasião, além de João Paulo Dias, o grande líder do movimento, outros componentes que assumiram papéis de liderança, à medida que seu crescimento demandou uma divisão de funções, também se fizeram presentes proferindo discursos na tribuna. Entre estes, estiveram Clara Mendes, Romeu Amâncio, Matheus Neri, e Samuel Dourado. Esteve presente, também, Gustavo Paiva, pastor da Igreja Internacional da Reconciliação em Brasília, e também líder de um dos maiores movimentos evangélicos de jovens, o Inova Geração, com o qual o Céu na Terra desempenha trabalho mútuo desde 2018, e cujo objetivo é formar avivalistas e reformadores sociais.<sup>14</sup> Gustavo Paiva é hoje um dos pastores e líderes de jovens de maior relevância no país, e apesar de o movimento Céu na Terra não ser um braço paraeclesialístico de sua igreja, ele tem apoiado a causa, haja vista que muitos dos líderes e adeptos frequentam a sua igreja, e sempre está presente nas reuniões do movimento, inclusive pregando.

Na ocasião, Gustavo Paiva fez questão de enfatizar que a presença do movimento naquele espaço de poder poderia ser vista como uma honraria, alegando que Deus destina lugares de honra para aqueles que decidiram transformar a fé em obras concretas, e que o que eles estavam fazendo era plantar uma semente de transformação no país. O discurso de Paiva vai ao encontro do projeto de nação cristã desempenhado pelos políticos evangélicos, uma vez que ao agradecer os jovens do movimento por serem canais dessa transformação, ele diz: “Por você decidir ser essa voz de mudança, por você decidir

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Disponível em: [Nova Geração - Formando Avivalistas \(inovageracao.com\)](https://inovageracao.com). Acesso: 24. abr. 2023

transformar as bases deste país, desde as bases mais simples, até os lugares mais abastados, e nós dizermos, então, que o senhor é o senhor do Brasil”.<sup>15</sup>

Trechos das falas dos integrantes ressaltam, de igual modo, que o movimento está aliado com este projeto. Vale destacar, entre estes, o discurso de Matheus Neri:

O fato de o CNT estar sendo homenageado aqui, em uma das casas do poder nacional, que nada mais é do que o titulado poder legislativo, só demonstra que o que temos feito em Águas Claras tem sido relevante para nossa sociedade. O fato de estarmos aqui hoje é motivo de muita alegria, pois em meio aos problemas políticos que temos passado, temos a convicção e cremos que Deus está no controle. Ele está levantando homens e mulheres que têm o caráter de Cristo, que realmente são cristãos. Que querem ser relevantes, que querem fazer a diferença na esfera política e em outras esferas sociais. Por mais que alguns acreditem que o poder corrompe o homem e que os cristãos não devem se envolver com a política para não se corromper, Deus está levantando uma geração que foi regenerada não de semente corruptível, mas incorruptível, segundo 1ª Pedro 1:23. E essa geração fará um rebuliço nesta nação. Fará a diferença aqui dentro desta casa e em outros lugares de poder, assim como levantou José para governar o Egito, que era um reino pagão. Assim como levantou Daniel na Babilônia, entre outros governantes que ele levantou e que não tiveram receios de exercer tais cargos políticos. Pois eles tinham a convicção de quem eles eram em Deus. E foram relevantes para sua geração. Cadê os homens de Deus que farão a diferença na nossa nação? e aceitar este cargo político sem se corromper, mostrando que o Brasil é a nação de Deus?<sup>16</sup>

O discurso de Matheus Neri aponta que esse “rebuliço” cristão e evangélico têm acontecido, de forma aliançada, dentro do poder político institucional e fora dele, e que os protagonistas deste movimento que visa o Brasil como uma nação de Deus, que aqui estou entendendo como uma suposta cultura política evangélica, se apoiam e se legitimam. Ou seja, tanto o poder político institucional legitima o Céu na Terra *Movement*, como o Céu na Terra *Movement* legitima e se sente representado pelos representantes do povo de Deus nos cargos políticos. João Paulo, o líder sênior do movimento, por sua vez, enfatizou a necessidade da construção dessa nação cristã, cujos princípios de sustentação sejam a bíblia, quando falou “que o Brasil seja reformado por cristãos apaixonados por Jesus, que não tenham ideologia X ou Y, mas uma ideologia das escrituras sagradas.”<sup>17</sup>

Por fim, gostaria de trazer, ainda, o discurso de Ronaldo Fonseca, o requerente da sessão, o qual legitima o movimento, ao apontar que esta é a juventude que representa a nação, que está buscando transformar o país. O discurso de Ronaldo Fonseca, assim como

---

<sup>15</sup>Disponível em: [\(343\) PLENÁRIO - Homenagem ao Movimento Céu na Terra - 16/08/2018 - 09:55 - YouTube](#). Acesso: 29 abr. 2024.

<sup>16</sup> Disponível em: [\(343\) PLENÁRIO - Homenagem ao Movimento Céu na Terra - 16/08/2018 - 09:55 - YouTube](#). Acesso: 29 abr. 2024.

<sup>17</sup> Idem.



o de João Paulo, são permeados por preconceitos homofóbico, atacando diretamente a comunidade LGBTQIAP+ e se destinam a criticar, também, as discussões sobre gênero, que equivocadamente têm sido interpretadas por estes setores evangélicos como “ideologia de gênero”, além de apontarem um fundamentalismo bíblico. A fala de João Paulo, principal líder deste rebanho de jovens, indica que as posturas do movimento são de cunho conservador. Ronaldo Fonseca se pronunciou da seguinte forma:

Ver vocês nesta mesa, com um ideal, uma visão querendo transformar vidas, transformar o Brasil e mudar a história desta nação e nós mais velhos, embora eu me considere ainda jovem, e temos que empurrar estes jovens. São estes jovens que vão estar conduzindo o Brasil daqui pra frente. E este parlamento precisa reconhecer e assinar embaixo, e dizer que são os jovens desta nação. Que não precisam de drogas para fazer a cabeça, não precisam "sair do armário" para serem aplaudidos pela sociedade. (...) João Paulo, eu quero te incentivar, continue. Você tem muito futuro, a Clara e os demais jovens, (...) a bíblia diz, conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Continue tirando jovens das drogas, do suicídio, sendo instrumento e benção, não perca seu ideal. Ah, e a política no futuro, você pode. (...) Mas agora concentre nessa chama que Deus acendeu, e essa semente que Deus plantou. Por enquanto está em Águas Claras, mas acredito que logo estará no Brasil. Conte comigo.<sup>18</sup>

A fala de Fonseca reconhece a ação do movimento como representativa da juventude que se quer para o país, que estes jovens, com esses ideais e posicionamentos, é que são e devem ser os condutores da nação e mudar a história do Brasil. Ele termina, inclusive, apontando o potencial de João Paulo Dias, o líder sênior do movimento, para ocupar cargos políticos futuramente.

O “rebuliço” mencionado pelo integrante Matheus Neri, que está sendo feito por estes jovens reconhecidos parlamentarmente como representantes da nação cristã que tem sido imaginada e construída por estes setores, já excede Águas Claras (DF), onde o movimento começou, se expandido pelo Brasil ao longo dos últimos anos, com ajuntamentos em diversas capitais. Além de ser amplamente compartilhado em suas redes sociais. A partir dos discursos aqui elencados, é possível perceber que o movimento não pode ser compreendido apenas em seu aspecto religioso, mas que há um posicionamento político no discurso de seus integrantes. A postura que o movimento tem adotado é politizada, a meu ver, porque eles têm buscado implementar a sua verdade, as suas crenças, buscando invadir vários espaços sociais. Isso é, inclusive, mencionado no site do movimento.

---

<sup>18</sup> Ibidem.

Recentemente aconteceu um dos grandes eventos que têm sido oferecidos pelo movimento, a Conferência *The Mission*, que foi realizada na capital paulista em julho de 2023.<sup>19</sup> Palestras, cultos e intensivos de evangelismo foram ofertados e, conforme consta no site, após a conferência, o intuito era o de invadir festas, bares e boates de São Paulo e colocar em prática tudo o que “recebessem” da parte de Deus durante o evento.<sup>20</sup> O ato de invadir, não seria, uma atitude política?! E mais, uma atitude política um tanto quanto extremista?! Invadir significa impor, não respeitar a vontade de as pessoas que estiverem nesses lugares escutarem ou não a mensagem pregada por esses jovens.

Essa postura política e politizada pode ser percebida, também, em uma das pregações do líder João Paulo Dias em uma reunião realizada no Rio de Janeiro, que reuniu milhares de pessoas em 2019, na Praça Floriano Peixoto (Cinelândia).<sup>21</sup> Essa reunião foi mencionada pelo próprio como um protesto, o qual foi denominado como “Um chamado de Deus para o Brasil”.<sup>22</sup> Nessa ocasião, o líder enfatiza que o que o movimento tem feito é voltar à igreja primitiva, que não se restringia a quatro paredes, mas na qual o evangelho era compartilhado nas ruas. João Paulo ainda mencionou, na ocasião, que o movimento tem se inspirado em grandes avivalistas que foram transformadores sociais em suas épocas, tais como John Wesley e Katryn Joanna Kuhlman, que estão entre as principais figuras dos movimentos protestantes e pentecostais da história. Seu discurso enfatizou que ali reunidos, os jovens estavam clamando pela libertação do povo brasileiro, por uma salvação em massa, para o levantamento de missionários e evangelistas para o Brasil. Seu protesto seria contra a apatia, e em sua fala, João Paulo declara que haveria começado uma “guerra contra a apatia.”<sup>23</sup>

Os elementos aqui trazidos apontam que o movimento vai assumindo uma roupagem politizada, que invade lugares, protesta em praças, e declara guerra em prol de seus objetivos. Conforme mencionado anteriormente, Patto Sá Motta (2009) aponta que as culturas políticas se expressam por meio de um conjunto de valores inscritos em tradições, que são equalizados e atualizados pelos grupos e movimentos no tempo presente, os quais expressam a sua identidade. O que se pode perceber, pelo que abordei até aqui, é que o

---

<sup>19</sup> Vale dizer que este texto está sendo escrito entre os meses de março e abril de 2023.

<sup>20</sup> Disponível em: [Conferência – The Commission – Céu na Terra Movement \(ceunaterramovement.com\)](https://www.ceunaterramovement.com). Acesso: 29 abr. 2023.

<sup>21</sup> Disponível em: [Céu na Terra Movement reúne 5 mil pessoas no Rio de Janeiro | Fé | Pleno.News](https://www.fenews.com.br/ceunaterra-movement-reune-5-mil-pessoas-no-rio-de-janeiro).

<sup>22</sup> Disponível em:  [\(343\) O CHAMADO DE DEUS PARA O BRASIL // RIO DE JANEIRO - CNT TOUR - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=343OCHAMADODEDEUSPARAOBRASIL//RIODEJANEIRO-CNTTOUR). Acesso: 29 abr. 2023.

<sup>23</sup> Idem.

Céu na Terra remonta a tradição dos avivamentos inscritos na história do protestantismo e do pentecostalismo para legitimar sua ação no presente, ao buscar promover um avivamento na sociedade brasileira através de suas práticas e manifestações, que não podem ser vistas apenas como religiosas, mas que possuem posturas políticas. Há, nos discursos empregados pelo movimento, dispostos em suas redes sociais, um desejo propriamente revolucionário, mas trata-se de uma revolução de base fundamentalista<sup>24</sup>.

De igual modo, Patto Sá Motta (2009) aponta que as culturas políticas não se sustentam apenas por meio de seus discursos verbalizados, mas por um conjunto de códigos, mobilizando seus projetos por meio de uma rica cultura visual. Além dos discursos verbais, o Céu na Terra tem operado com símbolos que representam esse projeto de nação, e têm se utilizado amplamente das redes sociais, com fotos e vídeos de suas reuniões. Portanto, sua estratégia é puramente visual. As imagens a seguir, compartilhadas em seu perfil do Instagram, retratam como a questão da nação tem estado no centro de suas reuniões e eventos, nas quais as orações pelo país são sempre realizadas com a presença da bandeira do Brasil, com cartazes que mobilizam a ideia de um Brasil cristão e com a presença da bíblia, indicando as bases fundamentalistas de suas manifestações.

Imagem 1 – Reunião do movimento em outubro de 2019



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.<sup>25</sup>

Na foto acima, tirada em uma das reuniões do movimento, em outubro de 2019, os jovens aparecem clamando pela nação. Em parte da legenda, consta a seguinte afirmação:

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BenVzCcFqf2/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/BenVzCcFqf2/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso: 30 abr. 2023. [Acd](#)

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4AV4ldJoHt/>. Aceso: 27 abr. 2023.

Nós cremos que Deus irá responder os questionamentos do mundo todo enviando o último e maior avivamento da história sobre a nossa nação. Você está preparado para ser resposta para o Brasil e para as nações? O que carregamos é poderoso e as pessoas precisam conhecer. O Evangelho precisa ser pregado e a nossa hora é agora!<sup>26</sup>

Na foto a seguir, de evento realizado pelo movimento também em 2019, novamente a bandeira do Brasil estava presente no altar, enquanto João Paulo, o líder sênior, fazia sua pregação.

Imagem 2 – Pregação do líder sênior João Paulo



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.

Nesta outra foto abaixo, registro de uma reunião realizada em dezembro de 2017, a bandeira do Brasil também esteve presente. Na legenda, um aviso de que no ano de 2018, o movimento estaria empenhado em realizar ajuntamentos em praças de outras capitais do país, “visando um avanço do reino de Deus sobre a nação brasileira”.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BdLI6v2FJx5/>. Acesso: 30 abr. 2023.

Imagem 3 – Reunião dezembro de 2017



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.<sup>28</sup>

Nesta outra imagem, capturada em um evento realizado pelo movimento em 2019, Clara Mendes, uma das líderes, que hoje é casada com João Paulo Dias, segura a bandeira do Brasil ao realizar sua pregação e oração pela nação.

Imagem 4 – Clara Mendes em 2019



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.<sup>29</sup>

Na legenda da foto, consta a seguinte descrição:

O Avivamento que tem acontecido no Brasil vai se intensificar e nós buscaremos pela sustentabilidade dele dia após dia. Os estádios serão cheios de pessoas famintas por Deus. Uma salvação em massa vai acontecer em nosso país e isso será carregado para o mundo por nós, brasileiros!<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxpR5EwgXbe/>. Acesso: 30 abr. 2023.

<sup>30</sup> Idem.



Nesta última imagem, aparecem a bandeira do Brasil e a bíblia, seguradas por um dos jovens que estava presente em uma reunião do movimento. em fevereiro de 2019.

Imagem 5 – Reunião do movimento fevereiro de 2019



Fonte: Instagram do Movimento Céu na Terra.<sup>31</sup>

A História trabalha com fontes, e entende que as fontes não falam por si só, mas que o historiador precisa lançar a elas questionamentos. O que essas imagens podem dizer? Elas indicam comportamentos e símbolos que podem ser compreendidos por meio da noção de cultura política? Tanto as imagens, nas quais a bandeira nacional está presente, como os discursos, apontam que a questão da nação, que o Brasil, têm estado no centro dos rituais, cultos, manifestações, orações, protestos e símbolos mobilizados pelo movimento Céu na Terra. Tais elementos são inscritos em seus encontros e rituais de oração desde pelo menos 2017, conforme apontam as fontes mobilizadas ao longo deste artigo, se estendendo até o presente em andamento, haja vista que o evento apontado anteriormente, realizado no presente ano, também indica atitudes politizadas. As atitudes politizadas que são empreendidas pelo movimento vão ao encontro da tese levantada pelo teólogo Amos Young, para quem "a espiritualidade pentecostal, particularmente suas práticas de oração, profecia e louvor, fomenta posturas políticas que são relevantes para a missão cristã no século XXI" (YOUNG, 2017, p. 4). O autor reitera que ao adentrarem na cena pública, os evangélicos do século XXI, ao buscarem um avivamento, mobilizam um movimento de "renovação da fé cristã no presente, ao mesmo tempo em que ela pode

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BuZ3q5Ogs4f/>. Acesso: 30 abr. 2023.



augurar a renovação da esfera pública através da presença e atividade cristã" (YOUNG, 2017, p. 5-6).

O Céu na Terra tem se utilizado da esfera pública, atuando no espaço urbano e midiático, não apenas de forma religiosa, mas politicamente. Construir um país cristão, cujos fundamentos bíblicos sejam a base, é a sua missão. Protagonizar um avivamento que seja sentido em todas as esferas sociais, promovendo uma evangelização em massa, tem sido o seu objetivo. Influenciar uma geração que carregue os princípios cristãos, é o seu intuito. É inegável, ao vermos os vídeos e fotos do *Instagram* do movimento, que ele se tornou um fenômeno nos últimos anos, e que a sua mensagem tem sido aderida e compartilhada em ampla escala. Há sete anos o movimento tem apenas crescido, realizando ajuntamentos pelo país e ocupando praças. Ganhou legitimidade dentro de uma casa de poder para continuar seu trabalho, sendo visto como referência para a juventude brasileira, e tem convertido centenas de jovens Brasil afora, no objetivo de construir uma nação cujo seu Deus seja o senhor. Um Brasil evangélico e evangelizado. O mesmo Brasil que está inscrito como projeto nos discursos empreendidos por Bolsonaro e por tantos outros políticos evangélicos nos últimos anos.

## 4 CONCLUSÃO

A reflexão aqui proposta se debruçou sobre movimentos inacabados. E essa é uma das particularidades da História do Tempo Presente, se debruçar sobre um presente que é o seu, que se desenrola diante dos olhos do historiador, um contexto no qual o sujeito de sua narração é um "ainda aí" (ROUSSO, 2016, p.18). Como concluir interpretações sobre movimentos cujos atores ainda estão vivos e protagonizando o tempo e o espaço com seus discursos e manifestações? Tecer interpretações sobre uma história a acontecer, é nunca dizer a última palavra e, portanto, admitir a incompletude do exercício, pois outras interpretações podem ser realizadas na medida em que os atores sociais agem. Ainda assim, gostaria de terminar considerando, com base no que aqui busquei refletir, que se é possível falar que há no Brasil dos últimos anos uma cultura política evangélica, que tem se arquitetado desde o processo de redemocratização, e em torno da qual um projeto de nação tem sido imaginado e construído, essa cultura têm se constituído de forma dinâmica e permanece em constante construção desde longa data, e que o ideal que ela evoca atravessa a história do Brasil, na medida em que os elementos religiosos de matriz cristã

estão nas bases do país. Essa consideração se faz importante, porque a História do Tempo Presente não se limita ao presente imediato, nem apenas aos últimos anos, mas busca mobilizar os diferentes estratos de tempo que formam o presente (KOSELLECK, 2014).

Na conjuntura recente, entretanto, este projeto não tem sido empreendido religiosa e politicamente apenas pelos políticos evangélicos que ocupam cargos no interior do Estado, mas também por outros sujeitos e movimentos que se aliam a estes setores evangélicos hegemônicos a partir de sociabilidades e agenciamentos, mas que agem religiosa e politicamente em outras dimensões do espaço público. Este é o caso do Céu na Terra *Movement*.

Se os estudos que têm tratado nos últimos anos sobre os entrecruzamentos entre religião e política têm interpretado essa relação tomando a política institucional como lugar privilegiado de análise, e os pastores e líderes religiosos de igrejas como sujeitos, há uma necessidade de que este campo de estudos amplie seus objetos, inserindo novos movimentos e manifestações no debate, que não abordem religião e política como esferas separadas que se entrecruzam, mas que problematizem como o político se torna religioso e como o religioso se torna político, partindo ora do primeiro para compreender o segundo, ora do segundo para a compreensão do primeiro. Nesse ínterim, é preciso um olhar mais atento às manifestações e movimentos religiosos que têm sido encabeçados por jovens, como o Céu na Terra *Movement*. Se faz importante olhar para a dimensão política desses movimentos, para o caráter político de seu comportamento, de modo que limitar sua interpretação ao aspecto puramente religioso e espiritual é, certamente, empobrecer a sua compreensão. Foi um pouco isso o que tentei fazer neste artigo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019.

BELLOTTI, Karina Kosicki. **Delas é o Reino dos Céus**: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 a 2000). Tese de Doutorado. Campinas, SP, 2007.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, p. 29-46, 2009.



BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. Análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

BURITY, Joanildo. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, pp.195-215, 2020.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo” – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. **XXVI ANPOCS**, Caxambu, outubro de 2002. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/24-encontro-anual-da-anpocs/gt-22/gt16-18/4851-1campos-o-milenarismo/file> . Acesso: 31 abr. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 110-115, set./nov. 2005.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Um poder evangélico no Estado brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 12, n. 25, p. 82-104, jan./abr. 2020.

CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp.331-363, 2003.

CUNHA, Magali do Nascimento. Pentecostalismo e Movimento Ecumênico: divergências e aproximações. **Estudos de Religião**, v. 25, n. 40, 33-51, jan./jun. 2011.

DUTRA, Eliane R. de Freitas. História e culturas políticas. Definições, usos e genealogias. **Varia História**. n. 28, dezembro, p. 13-28, 2002.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. “culturas políticas”, autoritarismo e historicidade: uma entrevista com Rodrigo Patto Sá Motta. **Historiæ**, Rio Grande, v. 9, n. 2: 137-146, 2019.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOHIET, Raquel et al (orgs.). **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. RJ: Mauad, pp. 259-284. 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religiosidade em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ISAIA, Artur Cesar. Brasil: três projetos de identidade religiosa. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. **Identidades brasileiras: composições e recomposições** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 175-202, 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/h5jt2/pdf/rodrigues-9788579835155-08.pdf>. Acesso: 01 abr. 2023.



KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 24, p. 227-250, 1999.

LOHN, Reinaldo, CAMPOS, Emerson César de. Tempo Presente: entre operações e tramas. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 10, n. 24, 2017.

LOHN, Reinaldo. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: SIQUEIRA, Tiago; et al (orgs). **Coleção história do tempo presente: volume 1**. Boa Vista: Editora da UFRR, pp.11-26, 2019.

MACHADO, Ana Carolina. **Movimento Céu na Terra: práticas e experiências religiosas nos espaços públicos e seus desdobramentos no tempo presente (2016-2022)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (Orgs). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, pp. 329-350, 2020.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. O conceito de cultura política. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-MG, X, Mariana, 1996. **Anais...**, p. 83-91, 1996.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 109 - 137, 2018.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política na historiografia. **Culturas políticas na História: novos estudos**. Belo Horizonte: Argumentvm, pp. 13-37, 2009.

RÉMOND, René. O retorno do político. In: AGNES, Chauveau ; TÉTARD, Phillippe (Org). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP : EDUSC, 1999, p.51-61.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003. pp. 13-36.

ROUSSO, Henry. O nosso tempo. In. **A última catástrofe**. A História, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016, pp. 219-280.

ROUSSO, Henry. Introdução. In: **A última catástrofe**. A História, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016, pp. 13-30.



TREVISAN, Janine.A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 581-609, 2013.

YOUNG, Amos. Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política. **Cadernos Teologia Pública**. Ano XIV, v. 14, n. 120, 2017.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

A DIMENSÃO POLÍTICA DO RELIGIOSO: CÉU NA TERRA *MOVEMENT* COMO PARTE DA CULTURA POLÍTICA EVANGÉLICA NO TEMPO PRESENTE E O PROJETO DE UMA NAÇÃO CRISTÃ

### Ana Carolina Machado

Doutoranda

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis

anacarolinamachado.historia@gmail.com / anacarolina.mph@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2125-3387>

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### HISTÓRICO

Recebido em: 02/05/2023

Aprovado em: 20/07/2023

